



resenhas educativas //education review

editores: gustavo e. fischman gene v. glass melissa cast-brede

revista de resenhas de livros, de acceso aberto, e multilingüe

15 de novembro do 2011

ISSN 1094-5296

Xavier, Maria do Carmo (org.) (2010). *Clássicos da Educação no Brasil*. Volume 1. Belo Horizonte: Mazza.

224 páginas

ISBN 978-85-7160-504-6

Resenhas Educativas é um projeto do National Education Policy Center <http://nepc.colorado.edu>

Siga-nos em

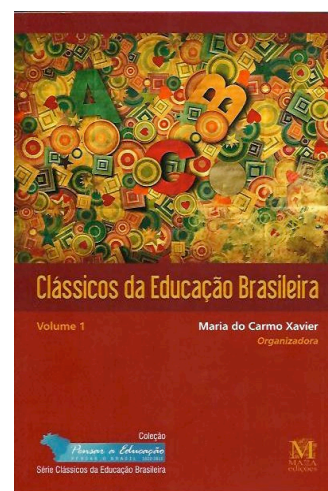


Resenhado por Maria de Lourdes da Silva, Samara Santos Bastos e Gisele dos Santos Oliveira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O livro *Clássicos da Educação Brasileira*, organizado pela pesquisadora Maria do Carmo Xavier, lançado em 2010 pela editora Mazza, é apresentado como o primeiro volume do *Projeto Pensar a Educação, Pensar o Brasil – 1822/2022*, e como parte da série dedicada à publicação que inclui outras duas: Seminários e Estudos Históricos. Esse projeto, desenvolvido por docentes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) tem como proposta refletir sobre “o lugar da educação no âmbito dos projetos de Brasil” (p. 9-10).

A apresentação do livro aqui comentado, assinada pela organizadora e pelo professor Luciano Mendes de Faria Filho, chama a atenção dos leitores para a existência de abundante publicação no campo das ciências humanas e sociais ocupada em compreender os processos de formação da nação brasileira, enfatizando nelas a ausência de temáticas relativas à educação e considerando haver um sintomático esquecimento das contribuições dos pensadores da educação brasileira enquanto participantes ativos da construção do “projeto de Brasil”, o que implicaria



Citação: da Silva, M. L., Santos Bastos, S. e dos Santos Oliveira, G. (11-15-2011)

Resenha de Xavier, Maria do Carmo (org.) (2010). *Clássicos da Educação no Brasil*. Volume 1. Belo Horizonte: Mazza. *Resenhas Educativas*, 14. Recuperado [fecha] de <http://www.edrev.info/reviews/revp81.pdf>

minimização da importância da escola pública e de seu papel na conformação do espaço público do nosso país. Os pesquisadores sugerem que a intelectualidade brasileira da área das ciências humanas nas grandes universidades dos dias atuais seja responsável pelo abandono da escola pública enquanto parte constitutiva do projeto político nacional. Propõem reparo ao esquecimento acerca das diferentes contribuições da educação advindas de diversas instituições e de seus muitos intelectuais, pesquisadores e professores para pensar o Brasil por meio de revisão da produção destes na perspectiva da História da Educação. Para tanto, projetaram essa coleção onde experientes e respeitadas pesquisadores da área resenham obras clássicas da educação brasileira.

Neste primeiro volume, o recorte operado perspectiva obras escritas entre os anos 1930 e 1960, período profundamente rico tanto na produção quanto nos debates, investimentos e projetos na educação dos quais os agentes dessa área participaram ativamente sendo as obras apresentadas como um dos modos dessa ação. Os organizadores da coleção reagem à exclusão dos pensadores da educação dos debates sobre a nação e tentam reaver seu pertencimento à arena destes usando como argumento a análise da contribuição dos clássicos da área tal como vista por proeminentes pesquisadores da atualidade do campo da História da Educação chamados a apresentá-las na forma de resenhas. Essa estratégia promove um duplo procedimento: primeiro, resgata e/ou reafirma os cânones da área, os ditos clássicos; segundo, dá visibilidade às vozes atuais do campo que repõem a ordem de grandeza daqueles, seus precedentes e interlocutores de formação, ao mesmo tempo em que expõem as próprias reflexões sobre a educação e o lugar desta no debate político tal como a vêem. Mais do que denunciar o esquecimento, o conjunto desses autores exibe a legitimidade da proposição reclamada.

Na apresentação do livro, os autores ressaltam o objetivo de salvaguardar o passado, o presente e o futuro da educação brasileira da omissão alheia e “fundamentar o debate social sobre o papel da educação na construção do país” (p. 10). Para o volume inicial, elegeram como clássicos obras de autores que problematizaram a educação em sua época e nela ou a respeito dela exerceram seu ofício. Diagnósticos, estudos críticos de metodologias educacionais, proposições de mudanças político-pedagógicas que tornassem o ensino escolar mais funcional com vistas à formação do homem para a sociedade do tempo em que viviam, para o exercício do trabalho e da cidadania são projetos que, aliados à conjuntura que os lançam à escrita de suas obras, são aspectos que ressaltam da abordagem de seus *resenhistas*.

Segundo os organizadores, uma obra clássica deve elevar seu autor à posição de destaque, no caso, no campo da educação brasileira. O pensador da educação deve ter participado das disputas políticas por lugares de poder e ter saído vencedor, sustentando debates e estudos críticos dentro de um tempo que podemos considerar como sendo de longa duração. Além de ter alcançado grande aceitação no mercado, o que pode ser comprovado pelo número elevado de obras vendidas bem como pelas várias reedições e/ou reimpressões que podem ter sofrido ao longo dos anos.

O que seria então um clássico para esses autores? “Clássico é um livro que vem antes de outros clássicos” (p.14), constituindo-se, portanto, numa obra inaugural, deve de alguma forma poder ser encaixado no discurso de Ítalo Calvino, e “nos ajuda[r] a entender quem somos e aonde chegamos” (p. 8). No caso dos *Primórdios da Educação no Brasil*, de Luiz Alves Matos, sua comentadora a considera surpreendente, capaz de içar seu leitor pelo deslumbramento, elevando-o a outro patamar.

Neste ponto, é preciso fazer um destaque. Os textos aqui reunidos constituem adensamento à fortuna crítica de cada um desses clássicos atualizando-os e revitalizando-os nessa condição, o que, de *per se*, já cumpre relevante função implicada no estatuto das obras clássicas. Reafirmar a função, a importância, o alcance político e social, pedagógico e metodológico dessas impele à cultura, plano matriz da educação, reter uma tradição resfriada, qual seja, a de conceber a educação na base dos

projetos nacionais necessariamente pela interlocução com seus agentes diretos. Tradição que se agrega a do estatuto adjetivamente, mesmo contingenciada pela conjuntura que a forja, na qual, para cumprir o que determina, necessita ser sintoma e não intento. Como, dialeticamente, o devir impregna o que lhe antecede, cremos bons presságios anunciados. Alargue-se o entendimento à compreensão da dinâmica de inclusão/exclusão de autores e livros nesta categoria – como tudo o mais flexível e móvel em suas fronteiras – e eis o presente arregimentando no jogo de interesses em disputa e definindo a quem cabe tal estatuto. Temos, então, sempre atualizada, a missão de uma obra clássica.

Em que pese o inaudível processo de seleção das obras aqui reunidas e o impacto das sentenças emitidas acerca delas, o livro convida à discussão, se lança às disputas pelos novos/outros sentidos destas e da educação no jogo político e busca imiscuir-se nele enquanto parte de um projeto disposto a pensar o Brasil.

Assim, a primeira resenha trata do livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova*, do autor Manoel B. Lourenço Filho, escrita a quatro mãos por Diana G. Vidal e André Luiz Paulilo. Os autores contam a trajetória “exitosa” do livro e seu autor seguida da história da postergação da publicação entendida como indício de hesitação quanto ao modo de tratar as questões que se apresentavam no horizonte de preocupações de Lourenço Filho. As ideias sobre educação na década de 1920, debatidas em conferências diversas, imbricadas ao debate político inspiram as reformas educacionais levadas a cabo na virada desta década à seguinte indicando a Escola Nova como projeto vencedor. Os autores mostram como as articulações políticas de Lourenço Filho e o seu posicionamento nas disputas político-ideológicas a respeito do papel da educação lhe valeram o cargo de diretor-geral na Diretoria de Instrução Pública do estado de São Paulo entre 1930 e 1931. Eles optam por destacar a importância da fala dos educadores naquela conjuntura e a proximidade da interlocução com o campo político.

A segunda resenha, do livro *Pela Escola Ativa*, de Firmino Costa e resenhada por Juliana Cesário Hamdan. Destaca a crescente importância adquirida pela obra de Firmino Costa no cenário educacional, sobretudo, quando passa a ser publicada pela Companhia Editora Melhoramentos. *Pela Escola Ativa*, destaca-se como fortalecedor dos debates sobre educação durante o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, em 1932, pela forma como compreende a associação entre alunos, professores e livros na escola que propõe. A partir daí, a resenha dedica-se à exposição do conteúdo do livro, cuja centralidade está na defesa da escola ativa na qual o aluno seria preparado pelo método ativo mais que o intuitivo para tornar-se um sujeito social engajado, cooperativo e solidário. Ao professor caberia coordenar as atividades a fim de empreender a formação de alunos ativos na vida social. A educação, concebida à semelhança da fábrica e do laboratório, instituiria participação controlada das massas viabilizada pelo recurso a dois expedientes, a Educação Moral e Cívica e a leitura assistida, tendo no espaço da escola o lugar de socialização por excelência e no professor estudioso, comprometido, dedicado, responsável, o promotor dos objetivos educacionais.

Já no capítulo *A Cultura Brasileira*, de Fernando de Azevedo, resenhado por Marta Maria Chagas de Carvalho, a autora dedica-se a rastrear a história da recepção deste livro no cenário educacional brasileiro trazendo à cena as contribuições feitas nesse sentido por pesquisadores que se dedicaram ao estudo da obra. Dividindo a história da recepção da obra em três momentos distintos, afirma que a penetração deste trabalho de Azevedo no universo acadêmico foi de tão grande envergadura que acabou por cristalizar algumas concepções. Entre elas, destaca duas: a compreensão central da obra a respeito do processo de formação da cultura brasileira – responsável por reproduzir certa tradição de entendimento das questões nacionais –; e a capacidade de engendrar um tipo de procedimento analítico – respeitante a matriz metodológica por ele adotada – que impregnou

as pesquisas na área por longas décadas. Carvalho propõe destituir a obra do lugar de “memória-monumento” problematizando-a por expedientes como o seu contexto de produção, as estratégias enunciadas adotadas, os pertencimentos e interesses que mobilizaram o autor. Desse modo, propõe vê-la como “produto historicamente construído” (p. 69) recorrendo às pesquisas recentes que já empreenderam algum esforço neste sentido, inclusive as suas.

Da obra *O Método Pedagógico dos Jesuítas. O “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução*, de Leonel Franca, resenhada por Thaís Nívia de L. e Fonseca, a autora mostra como o modo de inserção do jesuíta Leonel Franca no intenso debate das décadas de 1920 e 1930, consorciado às organizações católicas como o Centro Dom Vital e a Liga Eleitoral Católica, fizeram dele um porta-voz dos reclamos católicos quanto à questão da educação. A tradução da *Ratio*, no início da década de 1950, enriquecida por uma introdução que, segundo a autora, se constitui, nas suas 94 páginas, num estudo crítico da epístola católica e na defesa de seus princípios educacionais e modelo pedagógico, exhibe a preocupação de defender a fatia da educação que, tradicionalmente, cabia à Igreja e à Companhia de Jesus em contexto de crescente encampação da educação pelo Estado. Para a autora, o jesuíta se empenha em demonstrar a perenidade do valor da pedagogia da *Ratio* aquilatada por sua capacidade de equilibrar tradição e modernidade – qualidade essencial para uma sociedade em rápida transformação – ressaltando o aspecto humanista da educação cristã como essencial para formar o espírito e o caráter dos jovens.

O texto *As Reformas Pombalinas da Instrução Pública*, de Laerte Ramos de Carvalho, resenhado por Bruno Bontempi Júnior, traz interessante discussão sobre o processo que conduz a obra à recente condição de clássico da história da educação brasileira pontuando características intrínsecas e extrínsecas da obra que concorreram para isso. Entre as primeiras, destaca as contribuições das teses defendidas pelo autor, com formação em filosofia, em oposição às leituras usuais sobre a reforma educacional pombalina à época da publicação da obra, em 1955. Destacando tratar-se de “expressão de uma época” (p. 104), motivada pela filosofia política da qual comungavam Pombal e seu gabinete em oposição à Cúria Romana orientada para minimizar os privilégios das ordens religiosas que afrontavam o equilíbrio da balança comercial do Estado, defende a razão econômica como força motriz da reforma pombalina e rejeita a idéia de que a expulsão teria constituído um atraso para a educação brasileira – visão cara a história da educação. O entendimento histórico do fato educacional constitui uma contribuição metodológica à história da educação que, aliada ao trabalho de interpretação das fontes conduz à recusa ao anacronismo na interpretação e à compreensão dos eventos históricos como processos elaborados pelos homens que os promovem. No que diz respeito às questões extrínsecas à obra, Bontempi analisa o custo da filiação do autor à Ditadura Militar e o seu fracasso como administrador, a decorrente rejeição da academia a sua obra e o ostracismo a que fora relegada em função do esquecimento da obra pela academia. O resgate recente é promovido por um quadro historiográfico que converge com a crítica do autor d’*As Reformas* ao anacronismo na operação historiográfica.

Em *Introdução ao Estudo do Currículo da Escola Primária*, de João Roberto Moreira, Leiziany S. Daniel nos mostra como o autor entendia a importância da organização curricular da escola primária na concretização dos projetos de desenvolvimento para a nação. Uma vez que era necessário ajustar a escola à nova realidade brasileira, o currículo deveria ser também adequado. Publicado em 1955, a autora identifica, em linhas gerais, três questões que ocupam as análises do autor: primeiro, o debate entre currículo tradicional X currículo moderno; seguido da construção de uma memória sobre o Movimento pela Escola Nova e seus mais destacados representantes; e, em terceiro, um diagnóstico dos currículos de sua época e uma proposta para a elaboração de um novo. Apoiado na metodologia da história comparada, o autor percorre a história nacional pela via já estabelecida pelos *escolanovistas*

para quais os investimentos mais sérios e pertinentes na área da educação só se iniciaram no país a partir da República e, em especial, após os anos de 1920, analisando a composição curricular à luz das questões postas às diferentes épocas em que estes foram organizados.

Eliane Marta T. Lopes resenha o livro *Primórdios da Educação no Brasil*, de Luiz Alves de Mattos, publicado em 1958. Considerado pela autora como um dos fundadores do campo da educação no Brasil, cujo livro *Seminário de Didática Geral* encontra-se entre os mais publicados no país e mais adotados nos cursos de didática, a autora destaca sua contribuição como gestor no sentido da formulação de políticas que visassem mudanças na educação. Ademais, ela investe na curiosa forma sobre como o livro de história deste autor foi escrito e as contribuições deixadas à historiografia da área.

Da obra *Professoras do Amanhã*, publicada em 1965 por Aparecida Joly Gouveia como resultado da pesquisa realizada para o doutorado na Universidade de Chicago, Léa Pinheiro Paixão analisa as estratégias metodológicas adotadas pela autora para explicar as escolhas ocupacionais de jovens mineiras e paulistas nos anos de 1960 observando entre as estudantes do curso normal a correlação entre a escolha pela profissão docente e origem social; padrões culturais e comportamentais (tradicionalismo e perspectivas ocupacionais); relação entre aproveitamento escolar e propensão ao magistério; relação entre formação e ingresso na profissão docente. A aferição quantitativa utilizando o método de *survey* realizada por Gouveia compõe, segundo Paixão, parte de uma “tradição esquecida” e há pouco retomada pela historiografia da educação. Isso revela parte do processo que concorre para que a obra esteja entre seus clássicos.

Marcos Cezar Freitas apresenta o livro de Luiz Pereira, *A escola numa Área Metropolitana*, publicado em 1960. O livro, escrito no calor dos projetos encetados pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e do Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo, em funcionamento na USP, se destaca em um conjunto de pesquisas sociais de caráter sociológico, embora marcados pela concepção antropológica da possibilidade de apreensão da realidade de certo contexto localizado pela abordagem do “estudo de caso”. A escola aparece, assim, como lugar de pesquisa uma vez que permitia observar as relações entre desenvolvimento e mobilidade social numa sociedade em transição entre a estrutura rural e a urbana considerando suas implicações no processo de ampliação das oportunidades de escolarização de população empobrecidas. Segundo o resenhista, Luiz Pereira antecipou o uso da noção de “forma social” para refletir sobre a chegada da escola em regiões periféricas. Buscava pelo contraste entre o que a escola deveria ser e o que era na realidade entender as forças contraditórias atuantes dentro da escola.

Educação e Sociedade no Brasil, escrito por Florestan Fernandes e resenhado por Maria do Carmo Xavier, publicado em 1966, reúne 42 textos escritos entre 1946 e 1962. Dividido em quatro partes, o livro dá passagem aos dilemas postos pela relação da educação com o desenvolvimento e a modernização da sociedade trazendo os impasses da educação brasileira entre 1940 e 1960. Segundo Xavier, o livro oferece inventário do plano histórico dos debates sobre a escola pública (p. 203), e, embora seja lançado no auge da carreira de seu autor, ele assume um tom mais ensaístico do que científico em razão das ousadas investidas do autor no uso de recursos empíricos e pelo seu engajamento político com as questões sociais de seu tempo. Ademais, o debate que promove dá voz a diversos setores sociais além dos círculos intelectuais em consonância com seu entendimento de que a educação deveria ser entendida como um *problema social* e esperava que ela se encarregasse de transformar a sociedade. O quanto essa obra de fôlego encarna os projetos políticos e as aspirações de Fernandes é no que se empenha em demonstrar Xavier.

Considerando o lugar ocupado atualmente pela educação no projeto político empreendido pela nação há pelo menos uma década e meia, a coleção chega numa hora oportuna ao propor

resgate da importância dos *clássicos da educação* na história nacional. A denúncia do esquecimento atrás exposta aquece o debate já problematizando questão tão em voga. Reclamar lugar no debate é participar dele, é interferir, é ocupar espaço fazendo ecoar nele as vozes passadas e presentes que do campo da educação sempre tiveram o que dizer e o fizeram de modo consistente e consequente; é interagir impondo presença, pertença e autoridade no debate. O livro investe na reocupação pelos atuais intelectuais da área dos postos ocupados pelos precedentes propondo que se pense a educação que a nação conclama considerando o conjunto de profissionais que nela e a respeito dela laboram cotidianamente. Competência e consistência para contribuir – exhibe o livro – não lhes faltam.

Aceca da autora do livro: Maria do Carmo Xavier é professora da PUC-MG

Aceca das autoras da resenha: Maria de Lourdes da Silva é bolsista de PAPD/CAPES/FAPERJ, vinculada ao PROPED/UERJ.

Samara Santos Bastos é bolsista PIBIC/UERJ.

Gisele dos Santos Oliveira, pesquisadora do NEPHE/UERJ.

O copyright é retido por o/a autor/a quem otorga o direito da primeira publicação a

Resenhas Educativas/Education Review

<http://www.edrev.info>



Editores

Gene V Glass

glass@edrev.info

Gustavo Fischman

fischman@edrev.info

Melissa Cast-Brede

cast-brede@edrev.info
